

Saraiva Guerreiro dará ênfase à negociação política para a crise

por Norton Godoy
de Quito

Há necessidade de um maior enfoque político nas negociações das dívidas externas dos países em desenvolvimento. Tanto no tratamento governa a governo quanto junto aos bancos privados e instituições internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI). Essa é a tese mais importante que o chanceler brasileiro, Saraiva Guerreiro, defenderá durante seu discurso, amanhã, perante os participantes da Conferência Econômica Latino-Americana. Seu pronunciamento, que durará cerca de vinte minutos, mostrará um tom moderador, com sugestões não-balizadas para uma ação coordenada dos países latinos no enfrentamento da crise mundial.

De acordo com o próprio chanceler, não há diferença de ênfase entre as atitudes do Brasil e de seus vizinhos endividados, quanto à "briga" com os países credores por melhores condições de arcar com os ônus da dívida externa.

"Em termos relativos, a economia brasileira e o volume de sua dívida, além da variedade da participação brasileira na economia mundial, nos levam a uma maior preocupação com o que fazemos e dizemos", afirmou. O governo brasileiro, acrescentou, sempre busca a negociação, num trabalho de reflexão o persuasão com seus interlocutores do mundo desenvolvido.

Em seu discurso de amanhã, o mais esperado entre todos os participantes — motivo de conversas e trocas de impressões contraditórias nos corredores das salas de conferência —, também levantará a bandeira da vinculação estreita entre comércio e finan-

Norte-Sul, não será possível aos devedores pagarem a seus credores. O enfoque político, dará ênfase à necessidade de se vencer os credores sobre o risco de conturbação geral interna em cada país devedor. O chanceler Saraiva Guerreiro desembarcou ontem, em Quito, mas sua participação efetiva na conferência terá início hoje. Será um dia de contatos bilaterais com seus colegas latinos, na busca de um consenso: uma declaração latino-americana sobre as consequências políticas, econômicas e sociais da crise apontando a questão da dívida externa como o fator mais agravante. No entanto, a discutida defesa de um "clube de devedores latinos" está absolutamente descartada, como ficou patente para os membros da delegação do chanceler.

Ao ter início a primeira reunião preparatória, no sábado, "choveram" propostas as mais variadas, algumas até absurdas, que eram sugeridas para constatarem do documento final, segundo um membro da comitiva brasileira. Teve início então, um trabalho de "limpar" este texto, liderado pelo Brasil. Para se ter uma idéia, se a maioria das propostas fosse incluída no texto, ele somaria mais de 34 páginas.

As reduções sugeridas pelos brasileiros consumiram não mais que cinco laudas. No domingo, com a chegada dos uruguaios e mexicanos, este esforço moderado foi reforçado, segundo informou um diplomata brasileiro. Os argentinos, chefiados pelo chanceler Dante Caputo, chegaram na segunda-feira com uma estratégia diferente, que, embora com a mesma intenção do Brasil, não agradou aos brasileiros: jogar na mesa o maior número possível de propostas

Inovação nas Filipinas

por Nilton Coelho da Graça
de Nova York

As Filipinas, que estão sofrendo uma crise aguda de disponibilidades cambiais, lançaram uma inovação que poderá vir a ser seguida por outros países em situação semelhante: empresas multinacionais estão transformando o valor de suas importações em capital de risco.

Segundo o ministro do Comércio, Roberto Ogpín, a

Pepsi-Cola, a Cibr-Geigy, a Colgate-Palmolive e cerca de uma dúzia mais de empresas internacionais comprometeram-se a manter as importações indispensáveis ao funcionamento de suas instalações nas Filipinas, ao mesmo tempo que foram autorizadas a incorporar ao capital os respectivos valores. Ogpín elogiou as empresas, afirmando que elas estão demonstrando o seu desejo de colaborar com o país.